

**ARQUEOLOGIA REGIONAL ENTRE O FORQUETA E O GUAPORÉ: O CONTEXTO DE  
OCUPAÇÃO JÊ PRÉ-COLONIAL NO CENTRO/NORDESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE  
DO SUL**

REGIONAL ARCHAEOLOGY BETWEEN THE RIVERS FORQUETA AND GUAPORÉ: THE  
COTEXT OF THE PRE COLONIAL JÊ OCCUPATION IN THE CENTRE/NORTHEAST  
PORTION OF THE RIO GRANDE DO SUL STATE.

Sidnei Wolf  
Neli Teresinha Galarce Machado  
Jean Lopes de Oliveira

Vol. XIII | n°26 | 2016 | ISSN 2316 8412



# Arqueologia Regional entre o Forqueta e o Guaporé: o contexto de ocupação Jê pré-colonial no Centro/Nordeste do estado do Rio Grande do Sul

Sidnei Wolf<sup>1</sup>

Neli Teresinha Galarce Machado<sup>2</sup>

Jean Lopes de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** A Arqueologia Jê tem presenciado nas últimas décadas um significativo incremento de informações sobre o padrão de assentamento, subsistência, mobilidade e práticas cerimoniais. Muito disso em decorrência de grandes projetos desenvolvidos no planalto dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Apesar do aumento de publicações e pesquisas, inúmeras áreas permanecem desconhecidas, com ausência de levantamentos sistemáticos e escavações. Partindo de uma abordagem regional de entendimento, o Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates vem desenvolvendo pesquisas nas bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé, estado do Rio Grande do Sul, com vistas a compreensão do contexto regional de ocupação. Os resultados demonstram a existência de um padrão de assentamento Jê Meridional regional composto por sítios de estruturas subterrâneas, montículos e sítios superficiais líticos e líto-cerâmicos, ocupados entre os séculos VIII e XIII AD.

**Palavras-chave:** Jê Meridionais; Rio Forqueta; Rio Guaporé.

**Abstract:** Archaeology research has had great increment towards Jê people within the past decades, acquiring information on settlement patterns, subsistence, mobility and ceremonial rituals. Most of it accounts for wide projects that have been taking place at the plateau of Rio Grande do Sul and Santa Catarina states. Despite the growth in number of publications and researches, numerous areas remain unexplored, lacking excavations and systematic research. The Archaeology Lab of the Centro Universitário Univates has been giving a regional approach to the current explorations, conducting researches at the hydrographic basin of the Guaporé and Foqueta rivers, Rio Grande do Sul, aiming to understand the regional context of the settlements. The results have shown a consistency in the regional settlement pattern of the Southern Jê, which is compound by sites that can be pit-houses, artificial mounds and superficial lithic and lithic-ceramic sites, occupied between the VII and XII AD.

**Keywords:** Southern Jê; Forqueta River; Gaporé River.

## INTRODUÇÃO

A arqueologia de populações Jê do Sul apresenta-se como fonte de pesquisa desde a década de 1950. Ao longo destes mais de 60 anos de pesquisa, muito foi registrado, escavado, teorizado e produzido academicamente, sob olhar de arqueólogos, historiadores, linguistas, etnógrafos, entre outros. Por diversas correntes teóricas, sínteses regionais foram produzidas, contemplando as áreas de ocupação no Sul do Brasil.

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (Univates), Brasil; bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil;

<sup>2</sup> Doutora em Arqueologia, coordenadora do Setor de Arqueologia, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (Univates), Brasil; Bolsista Produtividade pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), Brasil.

<sup>3</sup> Graduando em História, bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), Brasil.

Os temas debatidos ultrapassaram os limites dos sítios arqueológicos, perpassando pelas relações entre populações pré-coloniais e históricas, reconhecidas como Kaingang e Xokleng (BECKER, 1988; SILVA e NOELLI, 1996; SILVA, 2001; VEIGA, 2006), culminando recentemente em debates acerca da mobilidade, emergência de complexidade e sedentariedade (COPÉ, 2006; DE MASI, 2009; DE SOUZA, 2012; IRIARTE et al., 2013; CORTELETTI, 2012; CORTELETTI et al., 2015).

Por outro lado, novos dados lançam hipóteses sobre as origens do povoamento, a emergência da cerâmica, do manejo agroflorestal e as interferências na atual distribuição da *Araucaria angustifolia* pelas áreas do Sul do Brasil e Argentina (BITENCOURT e KRAUSPENHAR, 2006; IRIARTE e BEHLING, 2007; SCHMITZ e ROGGE, 2011; CORTELETTI, 2012; SCHMITZ et al., 2013). Ao mesmo tempo em que se observa uma ampla difusão das pesquisas, com um expressivo aumento de números e abrangência espacial a partir do século XXI, com vistas à compreensão holística deste cenário de ocupação pré-colonial, percebem-se lacunas, principalmente quanto aos vazios arqueológicos em inúmeras áreas. Nesse sentido, o presente artigo busca inserir a paisagem das bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé no contexto de ocupação Jê Meridional no Sul do Brasil. A região têm sido alvo de pesquisas sistemáticas por parte do Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates nos últimos anos, observando um intenso processo de ocupação.

### **ARQUEOLOGIA JÊ NO SUL DO BRASIL E O HISTÓRICO DE PESQUISAS NAS BACIAS DOS RIOS FORQUETA E GUAPORÉ**

Tradicionalmente, o padrão de assentamento Jê Meridional comportaria quatro categorias de sítios arqueológicos: sítios com estruturas subterrâneas construídas (conhecidas como casas subterrâneas); assentamentos a céu aberto com presença de materiais cerâmicos e líticos, sem movimentações de terra; áreas entaipadas com montículos de terra; e abrigos com sepultamentos (BEBER, 2004). Enquanto as duas primeiras categorias estariam associadas a funcionalidades habitacionais (SCHMITZ et al., 2002) e assentamentos para exploração de recursos (DIAS, 2003; SALDANHA, 2005; DIAS e HOELTZ, 2010), as demais categorias estão ligadas a finalidades funerárias e cerimoniais (DE SOUZA, 2012; CORTELETTI, 2012; IRIARTE et al., 2013).

Embora as estruturas subterrâneas sejam um fenômeno comum na maioria dos casos, seus tamanhos, formas e densidades nos sítios variam (SCHMITZ et al., 2002; COPÉ, 2006; CORTELETTI, 2012; DE SOUZA 2012). Conjuntos densos de estruturas são observados no planalto nordeste do Rio Grande do Sul e leste de Santa Catarina, diferentemente do sul de São Paulo e Paraná (ARAÚJO, 2001; DE SOUZA E MERENCIO, 2013), onde prevalecem sítios lito-cerâmicos superficiais. Em Bom Jesus (COPÉ, 2006), assim como em partes do Planalto catarinense (SCHMITZ et al., 2013, DE SOUZA et al., 2016b), a presença de

estruturas de grandes dimensões, associados a aterros plataforma e muros/contenção de terra; enquanto que nas regiões de Pinhal da Serra (IRIARTE et al., 2013) e próximos à encosta sul do Planalto das Araucárias, como observado nos vales dos rios Pardo e Pardinho (MENTZ RIBEIRO, 1991) e no Alto Rio dos Sinos (DIAS, 2003) predominam estruturas de pequenas dimensões.

O mesmo pode ser aplicado aos sítios funerários de engenharia de terra (COPÉ, 2006). Aterros anelares, com ou sem montículo, se restringem à uma porção entre os as bacias dos Rios Pelotas e Canoas (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), na Província de Misiones, na Argentina (CORTELETTI, 2012). De Souza et al. (2016a) levanta a hipótese destas estruturas serem símbolos de resistência ao avanço Guarani, a partir da análise espacial e temporal dos sítios, demonstrando a importância de monumentos funerários para o estabelecimento de fronteiras. Essa característica contrasta, por exemplo, com o estado do Paraná onde foram identificados “cemitérios” com múltiplos montículos (ARAÚJO, 2001; PARELLADA, 2005). Em áreas da encosta e planalto catarinense e gaúcho estão presentes sepultamentos em abrigos rochosos (SCHMITZ et al., 2002; COPÉ, 2006; CORTELETTI, 2008; ROGGE e SCHMITZ, 2009; SALDANHA, 2008).

Apesar da linguística (WEISEMANN, 1978; URBAN, 1992; NOELLI, 1999; JOLKESKY, 2010) e algumas evidências arqueológicas, como a cerâmica e os grafismos rupestres (SILVA e NOELLI, 1996; SILVA, 2001), apontarem à continuidade entre as populações pré-coloniais e históricas Jê (Kaingang e Xokleng), as diferenças destacadas realçam a complexidade existente dentro deste fenômeno ao longo dos últimos 2000 anos, período abarcado pelas datações arqueológicas (SCHMITZ e NOVASCO, 2013). Mesmo considerando uma relação, partilhamos do pensamento de Araújo (2007, p.23).

A despeito de algumas propostas e tentativas de se diferenciar o que é Kaingang do que é Xokleng em termos arqueológicos [...], não cremos até o momento que isso seja possível. Conquanto a distinção entre proto-Kaingang e proto-Xokleng possa ser feita no futuro, o atual estado de conhecimentos parece não permiti-lo (ARAÚJO, 2007, p.23).

Nesse sentido, o presente trabalho está focado no entendimento da distribuição e dispersão dos sítios Jê Meridionais na paisagem das bacias dos rios Forqueta e Guaporé, do que em uma possível aproximação étnica com populações históricas Kaingang e Xokleng nesse momento.

Iniciada de maneira sistemática a partir do ano 2000 com a fundação do Setor de Arqueologia da Univates, as pesquisas arqueológicas ao longo das bacias dos rios Forqueta e Guaporé identificaram um intenso processo de ocupação Guarani nas porções de menor altitude, associadas às planícies de inundação do Rio Forqueta, com datações entre os séculos XIV e XVIII da nossa Era. Sítios que apresentam camadas de solos antropogênicos, associadas a vestígios líticos, cerâmicos, botânicos e arqueofaunísticos (KREUTZ, 2008; FIEGENBAUM, 2009; WOLF, 2012; SCHNEIDER, 2014).

Por outro lado, nas áreas de maior altitude, cobertas pela Floresta Ombrófila Mista, em 2002 uma equipe composta por pesquisadores do Setor de Arqueologia da Univates e Laboratório de Pesquisas e

Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Santa Maria realizou intervenções no sítio RS-T-100, localizado no município de Ilópolis. O sítio é composto por um conjunto de 11 estruturas subterrâneas, associadas a amontoados de pedra. Na ocasião não foram identificadas concentrações de materiais e camadas de ocupação nas estruturas subterrâneas, mas demonstrando uma potencialidade de pesquisa (MACHADO e MILDNER, 2005).

As investigações realizadas na encosta sul do Planalto das Araucárias no Rio Grande do Sul (como é o caso das bacias hidrográficas dos Rios Forqueta e Guaporé), em direção aos vales de grandes rios, evidenciaram a presença de um padrão de assentamento composto basicamente por sítios lito-cerâmicos superficiais e estruturas subterrâneas isoladas, ou em pequenos conjuntos, marcados pelo contato entre as populações Jê e Guarani, no processo de expansão da última sobre áreas tradicionalmente de domínio Jê (MENTZ RIBEIRO, 1991; DIAS, 2003; ROGGE, 2005).

Dias (2003), no Alto Rio dos Sinos, registrou 05 sítios arqueológicos associados à Tradição Taquara. Os sítios encontram-se entre 101 e 410m de altitude, em distâncias superiores a 50m dos recursos hídricos, topograficamente localizados na encosta e meia encosta. A autora sustenta a hipótese de que os sítios identificados na região fariam parte de um sistema mais amplo, baseado na mobilidade por três ambientes (planalto, encosta e litoral), onde os sítios cerâmicos refletiriam antigas aldeias que seriam reocupadas durante o período de cultivo, enquanto que, os sítios líticos estariam associados a áreas de exploração de recursos, ressaltando um sistema estável até a chegada de populações Guarani, há 500 anos.

Nas bacias dos rios Pardo e Pardinho foram desenvolvidas pesquisas durante a década de 1970, sob coordenação do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Localizaram-se 30 sítios arqueológicos, associados à Fase Erveiras da Tradição Taquara. Destes, 27 referem-se a sítios lito-cerâmicos superficiais, e os demais apresentariam estruturas subterrâneas ou montículos (MENTZ RIBEIRO e SILVEIRA, 1979).

Os sítios encontram-se entre 520 e 620 m de altitude, na transição entre a encosta e o Planalto das Araucárias (MENTZ RIBEIRO e SILVEIRA, 1979). Topograficamente encontram-se majoritariamente no planalto, com sítios em vales encaixados e ao longo de planícies (MENTZ RIBEIRO, 1991).

Acham-se, em geral, próximos de sangas ou de pequenas lagoas, isto é, em torno de 50 m distantes. Também ocorrem em outros locais, um pouco mais afastados das águas volumosas para a região, mas junto de vertentes. Para ambas as situações localizam-se quase sempre em encostas com aproximadamente 15° de inclinação, chegando a alcançar 35° nos sítios-acampamento (MENTZ RIBEIRO e SILVEIRA, 1979, p.09).

Realizaram-se intervenções em 08 sítios arqueológicos, sendo 07 sítios superficiais e um sítio com 02 estruturas subterrâneas (MENTZ RIBEIRO e SILVEIRA, 1979; MENTZ RIBEIRO, 1991). A camada de ocupação nos sítios superficiais não ultrapassou 18 cm de profundidade, sendo identificadas manchas pretas em quantidade de 01 a 05 manchas por assentamento. “O tamanho das manchas pretas, circulares, variou entre 3 e 10m de diâmetro com uma média de 5m. Também registramos 3 manchas pretas, isoladas,

com as mesmas características das anteriores, porém sem conseguirmos encontrar material arqueológico” (MENTZ RIBEIRO e SILVEIRA, 1979, p. 12).

Valendo-se deste breve panorama, salienta-se a importância de um estudo de escala regional num contexto de ocupação pré-colonial desconhecido. A Arqueologia Regional vem ao encontro destas necessidades. Araújo (2001), um de seus principais defensores, salienta a necessidade de estudos sistemáticos, diferentemente da acumulação de conhecimento promovida ao longo da trajetória da Arqueologia Brasileira de forma assistemática. Além da inclusão dos sítios arqueológicos na paisagem (MILHEIRA, 2008), possibilita a compreensão espacial a partir de critérios econômicos, políticos e sociais (MORALES, 2008).

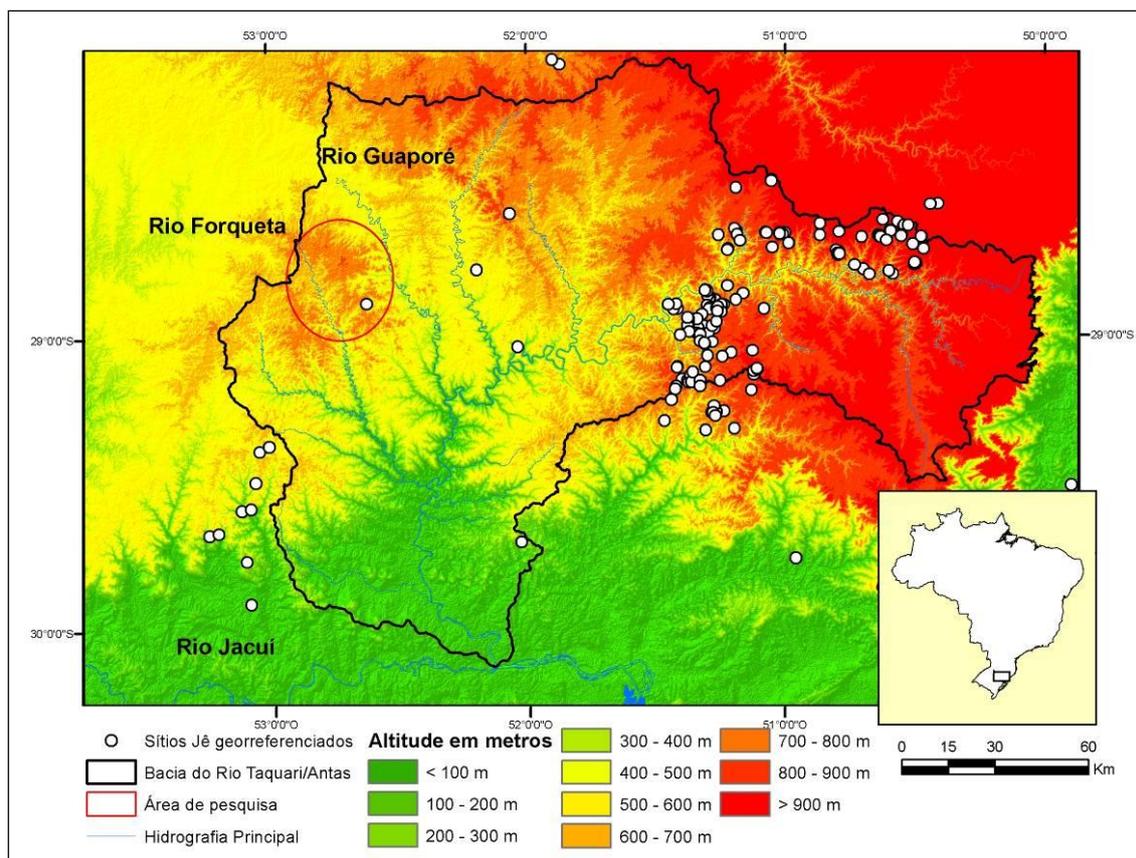
Por meio desta abordagem, situamos o contexto dos rios Forqueta e Guaporé no cenário de ocupação Jê Meridional do Sul do Brasil. Buscamos englobar fatores de ordem ambiental (altitude, vegetação, distância de recursos hídricos e inserção no compartimento topográfico) em conjunto com dados do contexto cultural dos sítios, através de semelhanças e diferenças entre estes, aproximando-se a uma construção da paisagem regional que englobe dados do ambiente, economia, sociedade e simbologia (FÖRSTER et al., 2013).

Embora seja apenas o comportamento em um pequeno domínio do território ocupado por tal grupo ao longo da história, permite o reconhecimento de características marcantes desta cultura na região, em comparação com outras próximas e distantes.

## **METODOLOGIA**

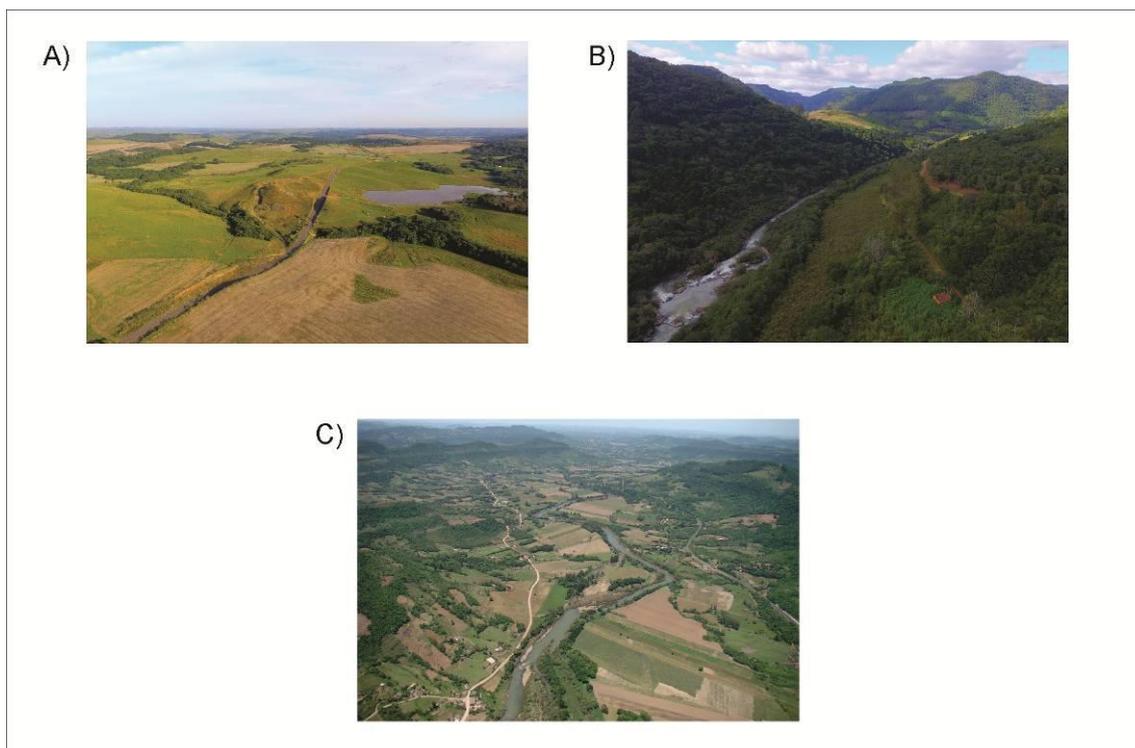
As bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé encontram-se no centro/nordeste do estado do Rio Grande do Sul, pertencendo a Bacia Taquari/Antas, ocupando uma área de aproximadamente 5000 km<sup>2</sup> (FIGURA 01).

ARQUEOLOGIA REGIONAL ENTRE O FORQUETA E O GUAPORÉ: O CONTEXTO DE OCUPAÇÃO JÊ PRÉ-COLONIAL NO CENTRO/NORDESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



**Figura 01:** Identificação da área de estudo no contexto da Bacia do Rio Taquari/Antas e dos sítios arqueológicos Jê Meridionais georreferenciados localizados no Rio Grande do Sul. **Fonte:** elaborado pelo autor (2016).

Situado geomorfologicamente no Planalto das Araucárias, a região apresenta um ambiente com diferenças significativas no relevo e vegetação, que possibilitam o encontro de espaços distintos em curta distância (FIGURA 02). Embora sejam recursos hídricos diferentes, apresentam semelhanças ao longo de seu curso. Exibem bacias alongadas, sendo o Forqueta e Guaporé rios meandantes, o que favorece a presença de depósitos de seixos de araste fluvial ao longo de todo seu curso. Junto as suas nascentes, apresentam uma formação vegetal caracterizada pela presença do mosaico campo/floresta, com predominância de exemplares da Floresta Ombrófila Mista, relevo plano com pequenas elevações, com altitudes que podem chegar a 900m. No seu curso intermediário, um vale marcado por um aprofundamento junto a Formação Serra Geral, de rochas basálticas, em forma de V, ocasionalmente com formações planas nas proximidades dos recursos hídricos, e altitudes que variam entre 350 e 700m; cobertas em suas áreas mais baixas pela Floresta Estacional Decidual; enquanto que em altitudes superiores a 400m observa-se um predomínio da Floresta Ombrófila Mista. Próximo à foz no Rio Taquari-Antas, o relevo é dominado por planícies de inundação de até 120.000m<sup>2</sup>, cobertas pelas águas em períodos de cheia, com predominância da Floresta Estacional Decidual (JUSTUS, MACHADO e FRANCO, 1986; TEIXEIRA e NETO, 1986; VIEIRO e SILVA, 2010).



**Figura 02:** Caracterização das diferentes regiões observadas ao longo das bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé, sendo: A – curso superior (nascentes), B – curso intermediário, e C- curso inferior (foz). **Fonte:** Setor de Arqueologia da Univates (2016).

Para realização das atividades de campo delimitou-se área piloto de 440 km<sup>2</sup> (FIGURA 01). A escolha da Unidade de Operação obedeceu critérios de acessibilidade e representação da fisiografia regional. A presença de uma ampla malha viária, associada a utilização agrícola pelo cultivo de erva-mate, possibilitando uma boa visibilidade do solo, foram fatores determinantes na realização dos levantamentos.

Sob o ponto de vista ambiental, a unidade possui uma variabilidade de ecótonos, permitindo a investigação sobre a ocupação de diferentes espaços, contribuindo para uma visualização da dispersão dos sítios em uma escala regional. Diferentemente de outros estudos, que se valeram principalmente de achados oportunistas, a metodologia empregada permitiu o reconhecimento de áreas pouco descritas na bibliografia Jê, como os sítios superficiais.

A organização das atividades de campo foi realizada a partir da sistematização proposta por Redmann (1973), dividida em quatro estágios: 1) Reconhecimento geral da região; 2) Levantamento arqueológico; 3) Prospecção; 4) Escavação.

As etapas 2 e 3, após o reconhecimento geral da região, foram realizadas de maneira intensiva, englobando todos compartimentos ambientais observados. Aliada a esta abordagem sistemática, realizaram-se abordagens oportunistas, através de entrevistas e visitas a locais com intervenções já presentes no terreno, como leitos de estradas e taludes observados nos recursos hídricos. Junto a identificação in situ da evidência material (cultura material ou estrutura de terra) se registravam

informações da inserção do sítio na paisagem. Entre as variantes observadas, estavam: altitude, vegetação, compartimento topográfico e distância de recursos hídricos.

A etapa de escavação foi realizada em algumas parcelas dos sítios identificados. A escolha das unidades de escavação obedeceu a critérios de preservação do contexto, representatividade dentro de um sistema regional de ocupação e questões de logística como a acessibilidade e segurança da equipe.

## RESULTADOS

A partir de levantamentos sistemáticos intensivos realizados em diferentes compartimentos topográficos das bacias hidrográficas do Rio Forqueta e Rio Guaporé, evidenciou-se um padrão de assentamento regional Jê que se diferencia das demais pesquisas realizadas em contextos próximos, como as referentes à Fase Erveiras, nos vales do Rio Pardo e Pardinho. Essa diferenciação está associada principalmente a composição dos sítios arqueológicos identificados até o momento.

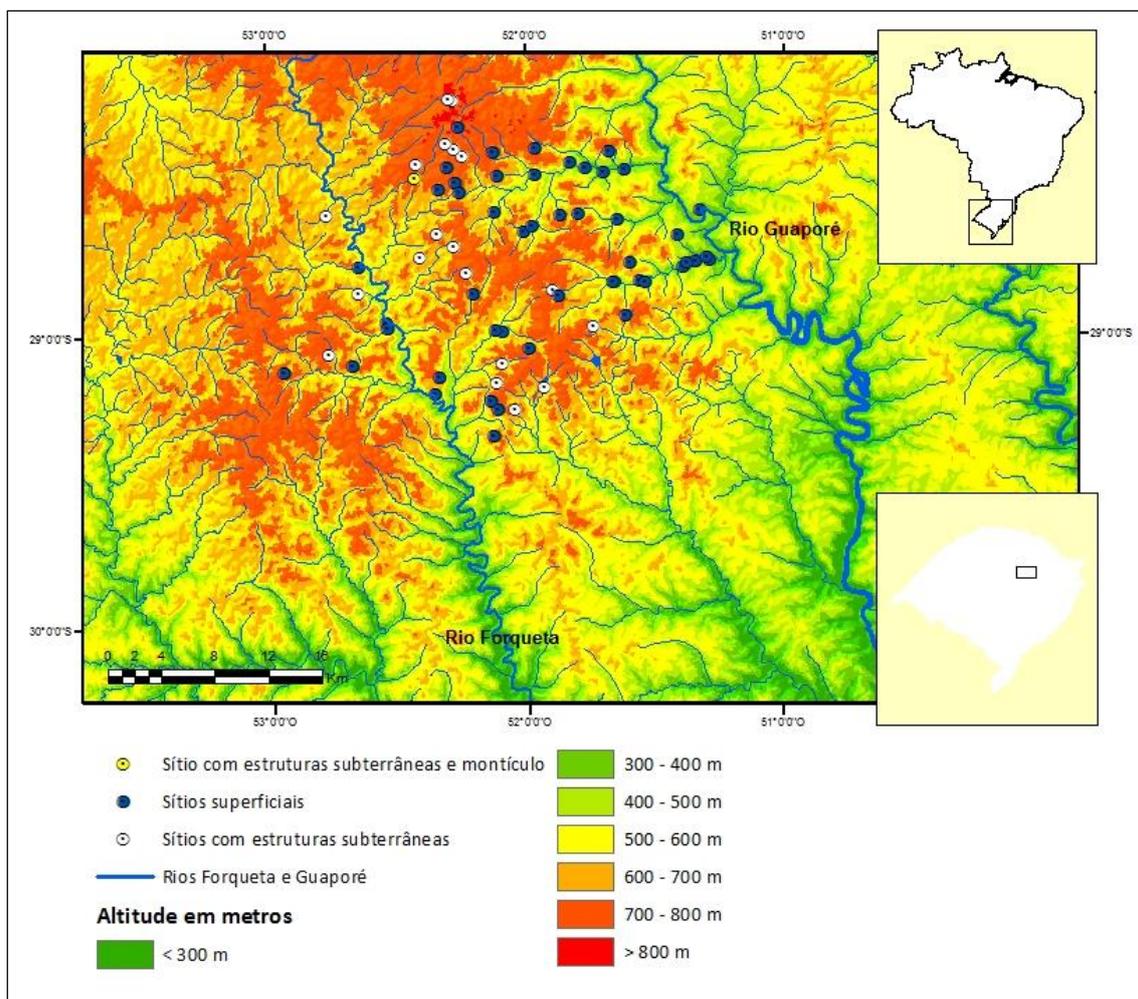
Dos 69 sítios com potencialidade de investigação (FIGURA 03), associadas a vestígios materiais e estruturas arqueológicas Jê Meridionais, se realizaram intervenções em 6 destes (QUADRO 01), destacados no quadro a seguir, além do sítio RS-T-100 registrado anteriormente<sup>4</sup>.

**Quadro 01:** Relação dos sítios arqueológicos Jê Meridionais pré-coloniais escavados nas bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé/ RS. Em destaque (negrito) os sítios arqueológicos com cronologia conhecida.

Sítio Arqueológico	Localização UTM (DATUM WGS 1984)	Categoria
<b>RS-T-100</b>	22J 387959 6803539	Estruturas subterrâneas
<b>RS-T-123</b>	22J 379197 6807842	Estruturas subterrâneas
<b>RS-T-125</b>	22J 375440 6801029	Lítico superficial
<b>RS-T-126</b>	22J 377529 6811981	Estruturas subterrâneas e montículo
<b>RS-T-127</b>	22J 370929 6809139	Estrutura subterrânea
<b>RS-T-129</b>	22J 388414 6803144	Lítico superficial
<b>RS-T-130</b>	22J 392483 6804163	Lítico e cerâmico superficial

A distribuição dos sítios releva a presença de um padrão com preferência à altitudes acima de 400m, associadas à Floresta de Araucária e próximo a recursos hídricos, assemelhando-se ao observado em amplas áreas do nordeste do estado do Rio Grande do Sul, como na encosta Sul do Planalto das Araucárias. Entretanto, uma análise mais acurada das características deste padrão releva particularidades regionais.

<sup>4</sup>Além dos 69 sítios com potencialidade de investigação, associados ao sistema Jê, foram identificados dois sítios com características de ocupações de grupos caçadores-coletores, com presença de pontas de projétil. Um destes sítios foi datado entre os séculos IV e II AC.



**Figura 03:** Distribuição dos sítios arqueológicos Jê prospectados na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta. **Fonte:** elaborado pelo autor (2016).

Dentre as categorias de sítios observadas, ocorreram apenas sítios com estruturas subterrâneas, estruturas subterrâneas e montículos, além de sítios superficiais. Inúmeras categorizações de sítios formularam-se ao longo dos anos. Estas categorias, supostamente, estariam relacionadas a diferentes funcionalidades (BEBER, 2004; COPÉ, 2006; CORTELETTI, 2012).

Entendemos que os sítios superficiais, sejam estes líticos ou líticos e cerâmicos estão relacionados à população Jê. Sítios exclusivamente líticos foram registrados por Copé, Saldanha e Cabral (2002), Dias (2003), Rogge e Schmitz (2009), entre outros. A morfologia dos artefatos, assim como observado na área de pesquisa, se assemelham as características relacionadas a Tradição Humaitá, com peças de grandes dimensões lascadas de forma bifacial e unifacial. Estudos recentes (DIAS, 2003; HOELTZ, 2005; SALDANHA, 2005; DIAS e HOELTZ, 2010) questionam a antiguidade destes sítios, observando uma proximidade com áreas reconhecidamente ocupadas por populações ceramistas, como Jê e Guarani, levando a considerar estas como locais de atividade específicas, para a manufatura de instrumentos líticos ou a atividade de manejo agroflorestal. Nesse sentido, pesquisas posteriores que contemplem uma minuciosa análise da cultura material e a criação de um quadro cronológico consistente, podem validar ou não esta hipótese.

### ***Das categorias de sítios***

Os sítios com estruturas subterrâneas representam 31% do total, enquanto que os sítios superficiais referem-se a 69% dos casos. Esses números corroboram com a ideia de uma predominância de assentamentos superficiais na borda Sul do Planalto das Araucárias, entretanto, com uma participação razoável de estruturas subterrâneas no registro. Por outro lado, não chega ao padrão observado em algumas microrregiões do nordeste gaúcho e planalto catarinense (Pinhal da Serra, Vacaria, Caxias do Sul, São Marcos, Urubici e São José do Cerrito), onde ocorre uma predominância dos sítios com estruturas subterrâneas (REIS, 2007; BEBER, 2004; COPÉ, 2006; ROGGE e SCHMITZ, 2009; CORTELETTI, 2012). Entretanto, em muitos dos casos esse fato pode ser reflexo de um levantamento assistemático, não privilegiando diferentes zonas ambientais; como oportunístico, na medida em que as estruturas subterrâneas são elementos visíveis na paisagem e presentes no imaginário das populações locais.

No levantamento não foram localizados aterros anelares e grutas com sepultamento. Para os primeiros, parece claro que existe uma concentração em determinadas regiões, como supracitado, e não é o caso do Alto Forqueta e Guaporé. Já os abrigos com sepultamentos, acredita-se que possa haver alguma ligação com sítios em outras regiões, na medida em que a cronologia (destacada na sequência) aponta para uma concomitância com outros espaços. Schmitz et al. (1988) e Corteletti (2008) citam a presença de abrigos com sepultamento na região de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e São Marcos, distantes menos de 100km da área de estudo.

### ***Da hipsometria e relevo***

A altitude configura-se como um aspecto essencial ao analisarmos o padrão de assentamento Jê no sul do Brasil. As sínteses regionais produzidas até o momento ressaltam a preferência por áreas com altitudes acima de 400 m, predominantemente ocupadas pela Floresta Ombrófila Mista (BEBER, 2004).

Os sítios com estruturas subterrâneas localizados na pesquisa estão concentrados entre 572m e 816m, com média de 711m de altitude. Por sua vez, os sítios superficiais estão inseridos em cotas altimétricas entre 275m e 791m, com média de 550m.

Observando estes dados com maior detalhamento, se constata nos sítios com estruturas subterrâneas que 60% destes estão em cotas superiores a 700m, mas preferencialmente até 750 m, em 70% destes. Dois sítios (10%) estão localizados em áreas com altimetria superior a 800m. Nota-se nos mapas de hipsometria (FIGURA 03), que as cotas acima de 800m não ocupam uma grande faixa de terras, parcela inferior a 3%, podendo este ser um aspecto relevante. Quanto a distribuição do número de estruturas subterrâneas por cota altimétrica, se constata que 48% (35 estruturas) estão concentradas entre 700 e 720m.

As baixas altitudes observadas nos sítios superficiais retratam a preferência pelas áreas no interior dos vales, com 50% dos sítios. No Alto Rio Pelotas, Saldanha (2005) observa que existe uma zona de

ocupação próxima a calha do Rio Pelotas, onde se sobressaem sítios líticos, sendo interpretada como uma região destinada a obtenção de matéria-prima e a pesca. Schmitz et al. (1988), baseado na perspectiva de mobilidade entre o planalto, o litoral e as áreas de encosta, salienta a utilização para instalação de roças nestas últimas. Na região analisada, se constata uma utilização intensa destas áreas próximas a calha dos recursos hídricos. Observando o mapa, existe uma preferência pela bacia do Rio Guaporé em relação ao Forqueta, onde se concentram a maioria dos sítios com estruturas subterrâneas. A preferência da rede de drenagem do Rio Guaporé, em relação ao Rio Forqueta, pode residir nas características geomorfológicas, com a presença de baixas altitudes aliadas a um relevo menos ondulado.

Além do interior dos vales, os sítios superficiais estão implantados em outras três categorias: no topo das elevações, 19%; nos divisores de bacia, 19%; e em áreas de encosta, 12%. Por sua vez, os sítios com estruturas subterrâneas localizam-se predominantemente junto aos divisores de bacia (65%), seguidas do topo das elevações (20%), e da base de encostas (15%). Parece-nos claro que existe uma preferência para instalação dos assentamentos nas áreas de maior altitude, em contrapartida com os locais de exploração de recursos, localizadas em um ecótono com características diferenciadas.

Apesar de não ter sido possível estabelecer um quadro cronológico representativo para relacionar ambas as categorias de sítios, as análises de cultura material e comparações com demais regiões pesquisadas, reforça este tipo de análise. A realização de uma análise que contemple características da cultura material e dados cronológicos virá a acrescentar subsídios para tal discussão.

Os dados reafirmam um padrão observado no estado do Rio Grande do Sul, como em partes do estado de Santa Catarina, de localização dos sítios nas porções mais elevadas do terreno, como no caso de Caxias do Sul (CORTELETTI, 2008), Vacaria (SCHMITZ et al., 2002), São Marcos (ROGGE e SCHMITZ, 2009), Bom Jesus (COPÉ, 2006), Pinhal da Serra (SALDANHA, 2005; DE SOUZA, 2012) e na Bacia do Rio Pardo e Pardinho (MENTZ RIBEIRO e RIBEIRO, 1979; MENTZ RIBEIRO, 1991). Porém, a alta associação de vestígios superficiais junto ao fundo dos vales, retrata um padrão de assentamento diferenciado que indica estar ligada a disponibilidade de áreas com características fisiográficas em relação a outras regiões de estudo, ou como supracitado, uma ineficiência das estratégias de prospecção.

### ***Da vegetação e disponibilidade hídrica***

A tarefa de tentar observar características da vegetação comuns nas áreas de implantação dos sítios torna-se complexa, num ambiente intensamente antropizado e em processo de modificação constante. Além deste condicionante, a mudanças ocorridas nos últimos milênios deixam em aberto uma aproximação sem a realização de análises específicas de reconstituição ambiental.

Estudos realizados nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul e Santa Catarina indicam um crescimento e expansão da Floresta de Araucária a partir das florestas de galeria há aproximadamente 4000 anos BP, numa paisagem marcada pela vegetação campestre (BEHLING et al., 2004). Os registros

polínicos demonstram um aumento considerável dos grãos de pólen da Araucária entre 1700 e 100 anos BP para Cambará do Sul (BEHLING et al., 2004), e entre 1000 e 860 anos BP para São Francisco de Paula (BEHLING, BAUERMANN, NEVES, 2001). Esta melhora estaria ligada a um aumento da umidade e temperatura, intensificada no último milênio, permitindo o crescimento de uma vegetação arbórea. Os dados paleoambientais disponíveis numa escala regional demonstram um aumento das áreas cobertas pela Floresta de Araucária sobre a vegetação de campos nos últimos milênios, englobando o período de ocupação Jê.

Na área de pesquisa, foi possível distinguir, com base em observações contemporâneas, três regiões distintas: uma região dominada pelo mosaico campo/floresta; outra dominada densamente pela Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária) e uma zona de transição, que cobre as encostas mais íngremes e os fundos de vale, entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual. Dentro desta divisão, se destaca o predomínio dos sítios com estruturas subterrâneas em regiões cobertas pela Floresta Ombrófila Mista com 60%; seguida das áreas do mosaico campo/floresta, 40%. Entretanto, ao observarmos a distribuição das estruturas subterrâneas pelas duas categorias, há uma preferência pelas zonas de campo/floresta. Isso muito ligada à grande concentração de estruturas nos sítios RS-T-123 (9) e RS-T-126 (19), mas que demonstra um adensamento nestes pontos, apesar de não possuímos uma indicação probatória no período de ocupação quanto à vegetação. La Salvia (1987) e Schmitz e Becker (1991) indicam a preferência pelas áreas florestadas, em capões de mato e próximas ao campo aberto; se protegendo do vento, chuva e sol.

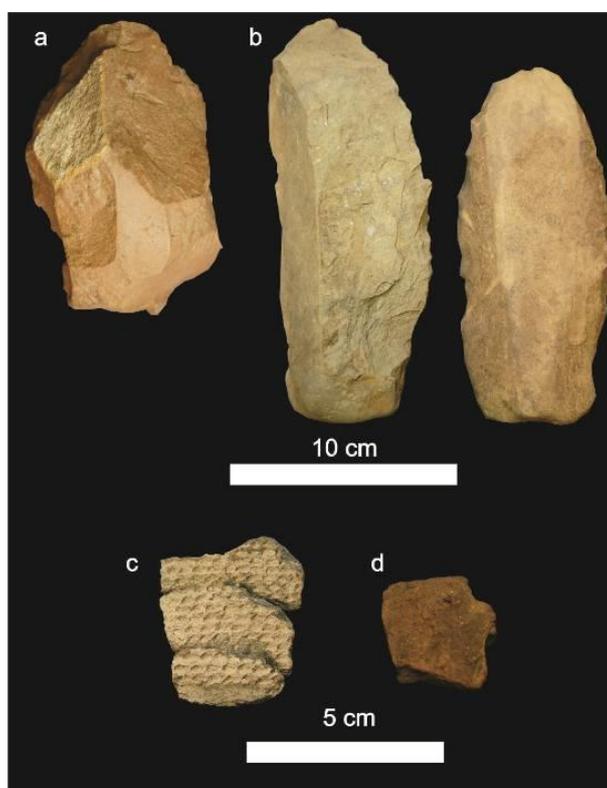
A alta proporção de sítios superficiais no interior dos vales sugere que 90% destes estejam localizados em áreas florestadas, predominantemente em locais de transição entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual. Diferentemente das estruturas subterrâneas, os sítios superficiais são pouco representativos nas áreas de predominância da vegetação de mosaico campo/floresta. Nesse caso, fica evidente a presença de dois espaços distintos no território Jê do Alto Forqueta e Guaporé: um ambiente dominando pela presença dos sítios de habitação, apesar de nem todas as estruturas estarem relacionadas a tal funcionalidade (REIS, 2007); e outro espaço associado ao manejo e busca de recursos agroflorestais e minerais.

A observação da presença de recursos hídricos próximos aos sítios reflete a preocupação das populações a garantir acesso a tal recurso, como aos recursos associados a este. Corteletti (2008) indica que para Caxias do Sul os sítios estão localizados numa média de 109,42m de alguma fonte de água. Beber (2004), com base nos dados de Reis (1997), informa que os sítios estão localizados a uma distância de 215,65m.

Na Unidade de Operação, observou-se um quadro onde os sítios mais próximos de algum recurso hídrico se referem aos superficiais, localizados no interior dos vales, distantes < 30m de pequenos afluentes, com média de 74,20m. Essa proximidade pode estar relacionada a exploração dos recursos

ligados aos recursos hídricos, como a pesca e a oferta de matéria-prima. Mota, Noelli e Silva (1996, p.21) destacam estratégias de pesca através do *Pãri*, relatadas na etnografia, como identificadas na calha do Rio Ivai/PR. Seriam armadilhas “constituídas por paredes de pedra feitas para afunilar trechos de rios”, conduzindo os peixes à artefatos de madeira ou taquara para aprisionamento. Os afluentes do Forqueta e Guaporé, assim como os próprios, apresentam corredeiras que facilitariam tal estratégia.

Outro aspecto relacionado à proximidade dos recursos hídricos, nos sítios superficiais, está ligado a oferta de matéria-prima para lascamento. Depósitos de seixos de arraste fluvial são constantes ao longo dos cursos d’água. Análises realizadas com a utilização de matéria-prima no sítio arqueológico RS-T-130 revelam que 80% dos instrumentos foram confeccionados a partir de seixos e blocos de basalto, presente nas proximidades (FIGURA 04).



**Figura 04:** Cultura material evidenciada no sítio arqueológico RS-T-123 e RS-T-130, sendo: a - artefato unifacial de basalto (RS-T-130), b - artefatos bifaciais de basalto (RS-T-130), c - fragmento de cerâmica ponteadada (RS-T-123), d - fragmento de cerâmica ponteadada (RS-T-123). **Fonte:** acervo do Setor de Arqueologia da Univas.

Os sítios com estruturas subterrâneas estão em uma posição mais distante de uma fonte de água com relação aos sítios superficiais, com média 96,50m. Uma possível interpretação para tal reside na implantação dos assentamentos no topo de elevações, como é o caso do sítio RS-T-126, que possui o maior agrupamento de estruturas (8) (FIGURA 05), distante 210m de uma fonte. Estas elevações, que normalmente não se destacam na paisagem, apresentam boa visibilidade do entorno dos assentamentos, com campo de visão de 360°, mas que se encontram distantes de cursos d’água presentes nas porções baixas do terreno.



**Figura 05:** Imagem aérea com a maior concentração de estruturas subterrâneas no sítio arqueológico RS-T-126, com curvas de nível da área sobreposta. **Fonte:** acervo do Setor de Arqueologia da Univates.

### ***Do tempo***

A cronologia obtida nos sítios do Alto Forqueta e Guaporé completa, em parte, o panorama de ocupação desta população na borda de seu território no atual Estado do Rio Grande do Sul. As datações obtidas em três sítios permitem estabelecer um panorama cronológica para ocupação da região em relação ao restante do estado, que encontra datas entre os séculos III AC (COPÉ e SALDANHA, 2002) e XVIII AD (IRIARTE et al., 2013).

Foram datados os sítios de estruturas subterrâneas RS-T-123 e RS-T-126, além do sítio superficial RS-T-130, conforme Quadro 02. Os resultados apontam para um período de ocupação no entorno do ano 1000 AD (890 AD - 1279 AD), anterior ao registro de sítios Guarani na porção baixa da bacia do Rio Forqueta (SCHNEIDER, 2014).

**Quadro 02:** Relação das datações obtidas em sítios arqueológicos Jê Meridionais identificados nas bacias hidrográficas dos Rios Forqueta e Guaporé - Rio Grande do Sul.

Sítio	Local da Amostra	Material Datado	No. Laboratório	Delta <sup>13</sup> C	Idade <sup>14</sup> C convencional (anos AP)	Idade Calibrada (AD) <sup>5</sup>
RS-T-123	Estrutura 01	Carvão	Beta 343953	- 25.1	1040 ± 30	991 - 1148
RS-T-123	Estrutura de combustão – área externa	Carvão	Beta 343954	- 26.7	940 ± 30	1030 - 1180
RS-T-123	Aterro estrutura 05	Carvão	Beta 385781	- 24.5	970 ± 30	1045 - 1214
RS-T-126	Estrutura de combustão – ao lado da estrutura 02	Carvão	Beta 385782	- 22.8	1140 ± 30	890 - 1015
RS-T-130	Estrutura de combustão	Carvão	Beta 423195	- 26.4	840 ± 30	1189 - 1279

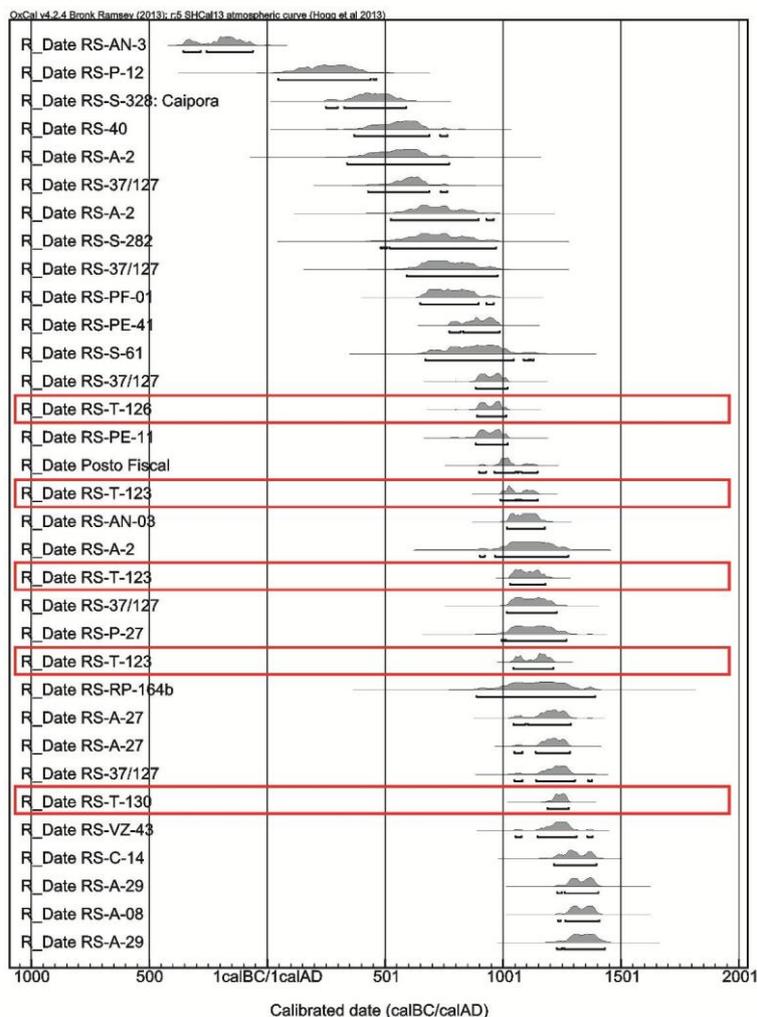
Com vistas a realizar uma comparação com as demais cronologias conhecidas, a partir de datações radiocarbônicas, os resultados obtidos foram calibrados (ARAÚJO, 2001) em conjunto com as demais datas obtidas para sítios no Estado do Rio Grande do Sul consultadas na bibliografia disponível. Para realização do exercício se fez uso do software *Oxcal v.4.2.4*, com curva de calibração *SHCal 13* para o Hemisfério Sul.

Schmitz e Novasco (2013) demonstram que por volta do ano 1000 AD a maioria dos territórios já estariam ocupados, enquanto que após o ano 1500 AD as datações concentram-se em porções no nordeste do Rio Grande do Sul e no centro-sul do Estado de Santa Catarina, pressionadas pela frente de expansão portuguesa como pelo avanço de populações Guarani (DIAS, 2003; ROGGE, 2005; DE SOUZA et al., 2016a).

No Rio Grande do Sul, a data mais antiga conhecida e obtida através do método de radiocarbono é do sítio RS-AN-03, localizado no município de Bom Jesus, com 2180±40 anos AP (COPÉ e SALDANHA, 2002). Observando o quadro de calibragem, a partir da segunda data mais antiga, 1810±85 anos BP (SCHMITZ e BROCHADO, 1972), percebe-se uma sequência contínua dos gráficos, conforme Figura 06.

<sup>5</sup>As datas foram calibradas utilizando a curva atmosférica ShCal13, no programa Oxcal disponível em <http://c14.arch.ox.ac.uk/>

ARQUEOLOGIA REGIONAL ENTRE O FORQUETA E O GUAPORÉ: O CONTEXTO DE OCUPAÇÃO JÊ PRÉ-COLONIAL NO CENTRO/NORDESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



**Figura 06:** Calibração das datas radiocarbônicas mais antigas associadas a ocupação Jê Meridional pré-colonial no Estado do Rio Grande do Sul, com destaque para os resultados obtidos nos sítios localizadas na área pesquisada. Fonte: elaborado pelo autor a partir de Oxcal v.4.2.4, com base nas datas disponíveis em: Schmitz (1969), Brochado *et al.* (1969), Schmitz e Brochado (1972), Schmitz (1988), Copé e Saldanha (2002), Schmitz *et al.* (2002), Dias (2003), Rogge (2005), De Souza (2012) e Iriarte *et al.* (2013).

As datas das bacias dos rios Forqueta e Guaporé iniciam-se entre 775 AD e 980 AD para o sítio RS-T-126, enquanto que no sítio RS-T-123 os resultados indicam uma ocupação entre 900 AD e 1160 AD. O sítio RS-T-130 apresenta data calibrada entre 1205 AD a 1280 AD. Embora seja apenas um sítio superficial datado, se observa uma diferenciação com os sítios de estruturas subterrâneas, remetendo a posterior ocupação destas áreas na região. Uma maior unidade amostral poderá trazer resultados mais consistentes nesse sentido. Mas o que podemos subtrair dessa cronologia regional?

Inicialmente, se percebe uma pequena contemporaneidade na ocupação dos dois sítios de estruturas subterrâneas, distantes 3 Km um do outro, apesar de apenas uma data no sítio RS-T-126, desmentindo-se a hipótese de assentamentos isolados e de pequenas dimensões na borda do Planalto das Araucárias (MENTZ RIBEIRO, 1980; SCHMITZ *et al.*, 1988). Outro destaque remete a presença de grupos no mesmo sítio por um longo período. As três datas oriundas no sítio RS-T-123, em três contextos diferentes, demonstram uma possível construção do assentamento num mesmo movimento, aspecto observado na

topografia do sítio. Beber (2004), apoiado nos resultados do projeto Vacaria, observa que os sítios de grandes dimensões (enquadrando-se os dois sítios supracitados) seriam resultado de uma persistência de ocupação, em detrimento de grandes aglomerados de pessoas. Ainda não possuímos dados para descartar totalmente essa hipótese, porém nossos resultados têm indicado uma construção simultânea de todas as estruturas do sítio, algo já comentado para a região de Pinhal da Serra (IRIARTE *et al.*, 2013).

Num segundo momento, uma análise do gráfico demonstra uma concomitância de ocupação em diferentes áreas do Estado. Considerando o longo período de presença Jê nas bacias dos rios Forqueta e Guaporé, entre os séculos VIII e XIII da Era Cristã, observa-se que estão ocupados sítios nas regiões do nordeste gaúcho (RS-37/127, RS-AN-03, RS-A-2, RS-A-27, Posto Fiscal, RS-PE-11, RS-P-27), no noroeste do Estado (RS-VZ-43) e na região central (RS-RP-164) (MENTZ RIBEIRO, 1980; SCHMITZ *et al.*, 2002; ROGGE, 2005, CORTELETTI, 2008; DE SOUZA, 2012), demonstrando um amplo domínio sobre áreas do Planalto das Araucárias e sua encostas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas arqueológicas realizadas nas bacias dos rios Forqueta e Guaporé evidenciam, até o momento, um amplo contexto de ocupação Jê Meridional. As características de implantação dos sítios arqueológicos na paisagem assemelham-se ao padrão reconhecido para o Sul do Brasil, com predominância em altitudes elevadas e associados a Floresta Ombrófila Mista.

O sistema de assentamento observado é caracterizado pela presença de estruturas subterrâneas, montículos, sítios superficiais líticos e litocerâmicos. Sítios associados a funcionalidades cerimoniais e funerárias, como os aterros anelares e abrigos com sepultamentos, não foram registrados até o momento.

As intervenções realizadas nos sítios têm registrado um contexto de ocupação marcado pela presença de aglomerados de estruturas subterrâneas, como os sítios RS-T-100 (11 estruturas), RS-T-123 (09 estruturas) e RS-T-126 (19 estruturas), demonstrando um evidente adensamento populacional em alguns assentamentos entre os séculos VIII e XII. Nesse mesmo contexto, esta cronologia indica a concomitância com a ocupação de sítios em outros territórios do Sul do Brasil, em um amplo domínio das áreas por volta do ano 1000 AD.

A metodologia adotada para a prospecção revelou uma intensa ocupação das áreas de fundo de vale, se sobressaindo na rede de drenagem do Rio Guaporé. Acreditamos que a metodologia de pesquisa possibilitou uma compreensão destes espaços, com características distintas dos sítios localizados no topo das elevações e divisores de bacia. Apesar de uma associação à Tradição Humaitá, pela presença de peças lascadas sobre blocos e seixos de forma unifacial e bifacial, nossas análises tem registrado sua associação

ao contexto de ocupação Jê, seja pela presença de cerâmica com características da Tradição Taquara, como também a datação obtida junto a uma estrutura de combustão no sítio RS-T-130.

As escavações em diferentes sítios, além de fornecerem uma base cronológica consistente, estão fomentando discussões entorno da funcionalidade das estruturas subterrâneas, dos montículos, como similarmente dos sítios superficiais e suas relações com os demais assentamentos, deixando um imenso legado à continuação das pesquisas sobre populações Jê Meridionais em todo o Sul do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Melo. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Melo. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira)*, v.20, p. 09-38, 2007.
- BEBER, Marcus Vinicius. *O Sistema de Assentamento das Tradições Taquara-Itararé*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, São Leopoldo, 2004.
- BECKER, Itala Irene Basile. O Kaiangáng histórico e seus antepassados. *Documentos 02*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 131-140, 1988.
- BEHLING, Hermann; BAUERMANN, Soraia Girardi; NEVES, Paulo César Pereira. Holocene environmental changes in the São Francisco de Paula region, southern Brazil. *Journal of South American Earth Sciences*, 14, p. 631-639, 2001.
- BEHLING, Hermann; PILLAR, Valerio DePatta; ORLOCI, László; BAUERMANN, Soraia Girardi. Late Quaternary Araucaria forest, grassland (Campos), fire and climate dynamics, studied by high-resolution pollen, charcoal and multivariate analysis of the Cambara do Sul core in southern Brazil. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 203, p. 277-297, 2004.
- BITENCOURT, Ana Luisa Vietti; KRAUSPENHAR, Patrícia Maria. Possible prehistoric anthropogenic effect on *Araucaria angustifolia* (Bert.) o.Kuntze expansion during the Late Holocene. *Revista Brasileira de Paleontologia*, 9 (1), p. 109-116, 2006.
- BROCHADO, José Proença; CALDERÓN, Valentín; CHMYZ, Igor; DIAS, Ondemar F.; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico T.; NÁSSER, Nássaro; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter; RAUTH, José W.; SIMÕES, Mário. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, nº 12. Belém: MPEG, 1969.
- COPÉ, Sílvia Moehlecke; SALDANHA, João Darcy de Moura. Em Busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul Riograndense: escavações no Sítio RS-NA-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas, Antropologia*, nº58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p.107 - 120, 2002.
- COPÉ, Sílvia Moehlecke; SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Contribuições para a Pré-História do Planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, nº58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p.120 - 138, 2002.

- COPÉ, Silvia Moehlecke. *Les grands constructeurs precoloniaux du plateau de sud du Bresil: etude de paysages archeologiques a Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Bresil*. Tese (Doutorado). Universidade de Paris, Paris, 2006.
- CORTELETTI, Rafael. *Patrimônio Arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- CORTELETTI, Rafael. *Projeto Arqueológico Alto Canoas – PARACA: um estudo da presença Jê no planalto catarinense*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CORTELETTI, Rafael; DICKAU, Ruth; DEBLASIS, Paulo; IRIARTE, José. Revisiting the economy and mobility of southern proto-Jê (Taquara-Itararé) groups in the southern Brazilian highlands: starch grain and phytoliths analyses from the Bonin site, Urubici, Brazil. *Journal of Archaeological Science*, v. 58, p. 46-61, 2015.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Aplicações de isótopos estáveis de 18/16O, 13/12C e 15/14N em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira)*, v.22, n.2, p. 55-76, 2009.
- DE SOUZA, Jonas Gregório. *Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS*. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.
- DE SOUZA, Jonas Gregório; MERENCIO, Fabiana Terhaag. A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. *Cadernos do Lepaarq*, Pelotas: Editora UFPEL, V.X, nº 20, p. 93-130, 2013.
- DE SOUZA, Jonas Gregório; CORTELETTI, Rafael; ROBINSON, Mark; IRIARTE, Jose. The genesis of monuments: Resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 41, p. 196-212, 2016a.
- DE SOUZA, Jonas Gregório; ROBINSON, Mark; CORTELETTI, Rafael; CARDENAS, Macarena Lucia; WOLF, Sidnei; IRIARTE, Jose; MAYLE, Francis; DEBLASIS, Paulo. Understanding the Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. *Plos One*, v 11, p. e0158127, 2016b.
- DIAS, Adriana Schmidt. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirlei E. Indústrias Líticas em Contexto: O Problema Humaitá na Arqueologia Sul Brasileira. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso)*, v. 23, p.40-67, 2010.
- FIEGENBAUM, Jones. *Um Assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

- FÖRSTER, Frank; GROßMANN, Ralph; HINZ, Martin; IWE, Karina; KINKEL, Hanno; ANNEGRET, Larsen; LUNGERSHAUSEN, Uta; MATARESE, Chiaara; MEURER, Philipp; NELLE, Oliver; ROBIN, Vicent; TEICHMANN, Michael. Towards mutual understanding within interdisciplinary palaeoenvironmental research: An exemplary analysis of the term landscape. *Quaternary International*, v.312, p. 4-11, 2013.
- HOELTZ, Sirlei. *Tecnologia Lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.
- IRIARTE, Jose; BEHLING, Herrmann. The expansion of Araucaria Forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications of the Taquara/Itararé Tradition. *Environmental Archaeology*, Vol. 12, nº2, p. 115-127, 2007.
- IRIARTE, Jose; COPÉ, Silvia Moehlecke; FRADLEY, Michael; LOCKHART, Jami J.; GILLAM, Christopher. Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: Understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, 32, p. 74-96, 2013.
- JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudo de Linguagem, Campinas: UNICAMP, 2010.
- JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lidia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Morreira. Geomorfologia. In: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Levantamento de Recursos Naturais*. Rio de Janeiro: IBGE, v.33, p.313-405, 1986.
- KREUTZ, Marcos Rogério. *O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates, Lajeado, 2008.
- LA SALVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 7 - 26, 1987.
- MACHADO, Neli Teresinha Galarce; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. Prospecções arqueológicas e físico-químicas no sítio RS T 100: estruturas em San Valentin – Ilópolis-RS. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.) *Anais do I Colóquio sobre Sítios Construídos: casas subterrâneas*. Santa Maria: Pallotti, 2005.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1991.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; SILVEIRA, Itela. Sítios arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, nº8, p. 3-79, 1979.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Lagoa dos Patos e Serra do Sudeste - RS*. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade da São Paulo, São Paulo, 2008.

- MORALES, Wagner Fagundes. Um estudo de Arqueologia regional no médio curso do rio Tocantins, Planalto Central Brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.17, p. 69-97, 2007.
- MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; SILVA, Fabíola Andrea. Pãri: armadilha de pesca utilizada pelos índios Kaingang no sul do Brasil. *Revista de Divulgação Científica e Cultural da Universidade Estadual de Maringá*. Maringá, Ano 11 – Nº 15, Dezembro, p.21-25, 1996.
- NOELLI, Francisco Silva. Repensando os rótulos e a História dos Jê do Sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3, p. 285-302, 1999.
- PARELLADA, Cláudia Inês. *Estudo Arqueológico no alto vale do Ribeira. Área do Gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- REDMAN, Charles. Multistage fieldwork and analytical techniques. *American Antiquity*. 38 (1), p. 61-79, 1973.
- REIS, Maria José. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis, 2007.
- ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, nº 62, 2005.
- ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Pesquisas Arqueológicas em São Marcos, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, nº67, p.23-132, 2009.
- SALDANHA, João Darcy de Moura. *Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial das Terras Altas do Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagem e Sepultamentos nas Terras Altas do sul do Brasil. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso)*, v. 21, p. 5, 2008.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Algumas Datas de Carbono 14 de Casas Subterrâneas do Planalto do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia n.º.20 - Anais do terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, p.163-167, 1969.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 75-130, 1988.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique. 107 casas subterrâneas no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.21, 185-204, 2011.

- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Itala Irene Basile. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 05*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 67-105, 1991.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Itala Irene Basile; LA SALVIA, Fernando; LAZZAROTTO, Danilo; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. *Documentos 02*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 5-74, 1988.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BROCHADO, José Proenza. Datos para una secuencia cultural del Estado de Rio Grande do Sul (Brasil). *Gabinete de Arqueologia*, nº. 2, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.118-146, 1972.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; NOVASCO, Raul Viana. Pequena História Jê Meridional através do Mapeamento dos Sítios Datados. *Pesquisas, Antropologia*, vol. 70, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, v.70, p.35-41, 2013.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; ROSA, André Osório; BEBER, Marcus Vinícius; MAUHS, Juliano; ARNT, Fúlvio. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas, Antropologia*, nº58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p.11-105, 2002.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; NOVASCO, Raul Viana; MERGEN, Natália Machado; FERRASSO, Suliano. Rincão dos Albinos um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia*, vol. 70, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 65-132, 2013.
- SCHNEIDER, Fernanda. *Interpretação do Espaço Guarani: m estudo de caso no sul da bacia hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVTES, Lajeado, 2015.
- SILVA, Fabíola A.; NOELLI, Francisco S. Para uma síntese dos Jê do Sul: igualdades, diferenças e duvidas para a etnografia, etno-história e arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v.XXII, nº1, p. 5-12, 1996.
- SILVA, Sérgio B. *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades proto-Jê meridionais*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- TEIXEIRA, Maria Buede; NETO, Augusto Barbosa Coura. Vegetação. In: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Levantamento de Recursos Naturais*. Rio de Janeiro, v.33, p.541-632, 1986.
- URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuel Carneiro (org). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.87-102.
- VEIGA, Juracilda. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.
- VIEIRO, Ana Cláudia SILVA, Diogo Rodrigues Andrade da. *Geodiversidade do estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, CRPM, 2010.

ARQUEOLOGIA REGIONAL ENTRE O FORQUETA E O GUAPORÉ: O CONTEXTO DE OCUPAÇÃO JÊ PRÉ-COLONIAL NO CENTRO/NORDESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

WIESEMANN, Ursula. *Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng*. Arquivo de Anatomia e Antropologia, v. III, ano III. Rio de Janeiro, 1978.

WOLF, Sidnei. *Paisagens e Sistemas de Assentamento: Um Estudo Sobre a Ocupação Humana Pré-Colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS*. Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado, 2012.

Recebido em:10/08/2016  
Aprovado em:15/09/2016  
Publicado em:15/10/2016